

STEPHEN
KING
ESCURIDÃO
TOTAL
SEM
ESTRELAS

Tradução
Viviane Diniz



Copyright © 2010 by Stephen King. Todos os direitos reservados.
Publicado mediante acordo com o autor por intermédio de The Lotts Agency

*Grafiá atualizada segundo o Acordo Ortográfico da Língua
Portuguesa de 1990, que entrou em vigor no Brasil em 2009.*

Esta é uma obra de ficção. Nomes, personagens, lugares e incidentes são produto da imaginação do autor ou são usados de forma fictícia. Qualquer semelhança com fatos, locais e pessoas, vivas ou mortas, é mera coincidência.

Todos os direitos desta edição reservados à
EDITORA OBJETIVA LTDA.
Rua Cosme Velho, 103
Rio de Janeiro – RJ – CEP: 22241-090
Tel.: (21) 2199-7824 – Fax: (21) 2199-7825
www.objetiva.com.br

Título original
Full Dark, No Stars

Capa
Adaptação de Filigrana Design

Copidesque
Carolina Vaz

Revisão
Isabela Fraga
Juliana Souza
Fatima Fadel

Editoração eletrônica
Abreu's System Ltda.

CIP-BRASIL. CATALOGAÇÃO-NA-FONTE
SINDICATO NACIONAL DOS EDITORES DE LIVROS, RJ

K64e

King, Stephen
Escuridão total sem estrelas / Stephen King; tradução Viviane Diniz. –
1. ed. – Rio de Janeiro: Objetiva, 2015.
390 p.

Tradução de: *Full Dark, No Stars*
ISBN 978-85-8105-275-5

1. Ficção americana. I. Diniz, Viviane. II. Título.

15-20115

CDD: 813
CDU: 821.111(73)-3

Ainda
para Tabby

SUMÁRIO

1922 9

GIGANTE DO VOLANTE 149

EXTENSÃO JUSTA 265

UM BOM CASAMENTO 301

POSFÁCIO 387

1922

11 de abril de 1930

Hotel Magnólia
Omaha, Nebrasca

A QUEM INTERESSAR POSSA:

Meu nome é Wilfred Leland James e esta é minha confissão. Em junho de 1922 eu matei minha esposa, Arlette Christina Winters James, e escondi o corpo em um velho poço. Meu filho, Henry Freeman James, me ajudou, embora ele não possa ser responsabilizado pelo crime porque na época tinha 14 anos. Eu o persuadi, jogando com seus medos e contendo suas objeções mais do que naturais durante dois meses. Me arrependo disso mais amargamente do que do crime, por motivos que este documento vai revelar.

A questão que levou ao crime e à minha danação foram 100 acres de terras boas em Hemingford Home, no Nebrasca, deixados em testamento para minha esposa pelo pai dela, John Henry Winters. Eu queria anexar essas terras à nossa fazenda que, em 1922, totalizava 80 acres. Minha esposa, que nunca gostou da vida na fazenda (ou de ser esposa de fazendeiro), queria vendê-las à Companhia Farrington por dinheiro vivo. Quando lhe perguntei se ela queria mesmo morar ao lado do matadouro de porcos da Farrington, ela me disse que, além das terras do pai dela, poderíamos vender a fazenda — a fazenda do meu pai, que antes pertencia ao pai dele! E quando perguntei o que faríamos com o dinheiro e sem nenhuma terra, ela falou que poderíamos nos mudar para Omaha, ou até mesmo para St. Louis, e abrir uma loja.

— Nunca vou morar em Omaha — falei. — Cidades são para os idiotas.

O que é irônico considerando onde moro agora, mas não vou ficar aqui por muito tempo. Sei disso tão bem quanto sei o que produz esses sons que ouço vindo das paredes. E sei para onde vou quando essa minha existência terrena chegar ao fim. Às vezes me pergunto se o inferno pode ser pior que a cidade de Omaha. Talvez ele *seja* a cidade de Omaha, mas sem nenhum campo decente em volta, somente uma vastidão vazia e enfumaçada, fedendo a enxofre e cheia de almas perdidas como a minha.

Discutimos à exaustão sobre aqueles 100 acres durante o inverno e a primavera de 1922. Henry sempre ficava em cima do muro, ainda que tendesse mais para o meu lado. Ele era fisicamente parecido com a mãe, mas tinha o meu gosto pela terra. Era um rapaz obediente, sem nem um pingo da arrogância da mãe. Várias vezes ele disse que não tinha nenhuma vontade de morar em Omaha ou em qualquer outra cidade, e que só iria se ela e eu chegássemos a um acordo — o que nunca aconteceu.

Pensei em procurar a Justiça, certo de que, como marido, qualquer tribunal asseguraria meu direito de decidir o que fazer com aquelas terras. Ainda assim, algo me deteve. Não era medo do que os vizinhos iriam falar, eu não ligava para as fofocas do interior. Era outra coisa. Eu começara a odiá-la, entende? Começara a desejar que ela morresse, e foi isso o que me deteve.

Acredito que exista outro homem dentro de cada homem, um estranho, um Homem Conivente. E acredito que, em março de 1922, quando os céus do condado de Hemingford estavam brancos, e cada campo estava coberto de neve lamacenta, o Homem Conivente dentro do fazendeiro Wilfred James já tinha julgado minha esposa e decidido seu destino. Era uma justiça de sentença de morte. A Bíblia diz que um filho ingrato é como o dente de uma serpente, mas uma esposa irritante e ingrata é ainda pior.

Não sou um monstro. Eu bem que tentei salvá-la do Homem Conivente. Disse a minha esposa que, como não chegávamos a um acordo, ela deveria se mudar para a casa da mãe em Lincoln, a uns 10 quilômetros dali — uma boa distância para uma separação que não é exatamente um divórcio, mas mesmo assim representa uma dissolução da sociedade conjugal.

— E deixar as terras do meu pai para você, imagino? — perguntou ela, balançando a cabeça.

Ah, como eu passara a odiar aquele gesto arrogante, que parecia o de um pônei maltreinado, e a bufada de desprezo que sempre o acompanhava.

— Isso nunca vai acontecer, Wilf.

Eu lhe disse que compraria as terras, se ela insistisse. É claro que levaria algum tempo — oito anos, talvez dez —, mas eu pagaria cada centavo.

— Pouco dinheiro é ainda pior do que nenhum — replicou ela (com outra bufada e outro menear de cabeça). — Isso é algo que toda mulher sabe. A Companhia Farrington vai pagar tudo de uma vez, sem falar que a oferta deles deve ser bem mais generosa do que a sua. E eu nunca vou morar em Lincoln. Aquilo lá não é uma cidade, é só uma vila com mais igrejas do que casas.

Você entende o meu problema? Não percebe a sinuca em que ela me deixou? Posso contar pelo menos com um pouco da sua compreensão? Não? Então ouça isto.

No começo de abril daquele ano — há exatamente oito anos, pelo que sei —, ela veio falar comigo toda feliz. Tinha passado o dia quase todo no “salão de beleza” em McCook, e seus cabelos caíam em volta do rosto em grandes ondas que me faziam lembrar os rolos de papel higiênico que a gente vê em hotéis e pousadas. Ela disse que tivera uma ideia. Sugeriu que vendêssemos os 100 acres *e* a fazenda para a Companhia Farrington. Ela achava que eles comprariam tudo só para conseguir a parte do pai dela, que ficava perto da linha do trem (e provavelmente estava certa).

— Então vamos poder dividir o dinheiro, nos divorciar e começar vida nova e separada — disse a megera descarada. — Nós dois sabemos que é isso que você quer.

Como se ela não quisesse.

— Ah — falei (como se estivesse pensando mesmo sobre o assunto). — E quem vai ficar com o garoto?

— Eu, é claro — respondeu ela, com os olhos arregalados. — Um menino de 14 anos precisa da mãe.

Comecei a “fazer a cabeça” do Henry naquele mesmo dia, contando-lhe o plano de sua mãe. Estávamos sentados no feno. Fiz a minha cara mais triste e falei com a minha voz mais triste, pintando uma ima-

gem de como seria a vida dele caso minha esposa seguisse em frente com aquele plano: disse que ele não teria mais a fazenda nem o pai, que iria para uma escola muito maior, que todos os seus amigos ficariam para trás (eles haviam crescido juntos), e expliquei como, já na nova escola, ele precisaria lutar para conquistar um lugar entre estranhos que ririam dele e o chamariam de caipira. Por outro lado, continuei, se pudéssemos manter todas as terras, eu estava convencido de que poderíamos quitar nossa promissória no banco até 1925 e viveríamos felizes e livres de qualquer dívida, respirando ar puro em vez de ver tripas de porco flutuando pelo nosso rio que era limpo, do nascer ao pôr do sol.

— Agora, o que é que você prefere? — perguntei, depois de pintar essa imagem com todos os detalhes possíveis.

— Ficar aqui com você, pai — respondeu ele. Lágrimas escorriam pelo seu rosto. — Por que ela tem que ser tão... tão...

— Vá em frente — falei. — Não é palavrão quando a gente diz a verdade, filho.

— Tão *escrota*!

— Porque a maioria das mulheres é assim. Faz parte da natureza delas. A questão é o que a gente vai fazer a respeito disso.

Mas o Homem Conivente dentro de mim já havia pensado no velho poço atrás do celeiro, aquele que só era usado para matar a sede dos animais, porque a água era muito rasa e turva — tinha apenas uns 6 metros de profundidade, não muito mais do que uma cisterna. Era só uma questão de convencê-lo. E eu *tinha* que conseguir, sem dúvida você pode entender o motivo disso. Eu poderia matar minha esposa, mas precisava salvar meu amado filho. De que adiantaria possuir 180 acres de terra — ou mil — sem ter alguém com quem dividi-los ou para quem deixá-los?

Eu fingia considerar o plano maluco de Arlette de ver aquelas terras boas para plantar milho transformadas em matadouro de porcos. Pedi a ela que me desse tempo para me acostumar com a ideia. Ela concordou. E durante os dois meses seguintes tentei fazer a cabeça de Henry para que *ele* se acostumasse a uma ideia bem diferente. Não foi tão difícil quanto eu esperava. Ele se parecia fisicamente com a mãe (a aparência de uma mulher é o mel, você deve saber, que atrai os homens para os perigos da colmeia), mas não tinha nada de sua terrível teimosia. Só foi preciso pintar uma imagem de como seria a vida em Omaha ou

St. Louis. Levantei ainda a possibilidade de que nem mesmo esses dois formigueiros superlotados poderiam satisfazê-la, e que ela talvez decidisse ir para Chicago.

— Então você vai acabar indo para a escola com um bando de crioulos.

Ele ficou mais frio com a mãe e, após algumas poucas tentativas — todas meio desajeitadas, todas rejeitadas — de reconquistar a afeição do filho, ela passou a tratá-lo com a mesma frieza. Eu (ou melhor, o Homem Conivente) adorei isso. No começo de junho, eu disse a ela que, depois de pensar muito, tinha decidido que jamais a deixaria vender aqueles 100 acres sem lutar, que eu preferia condenar todos nós à pobreza e à ruína, se fosse necessário.

Minha esposa estava calma. Decidiu procurar aconselhamento jurídico (porque a justiça, como todos sabemos, sempre vai favorecer quem pagar mais). Mas eu já tinha previsto isso. E sorri! Porque ela não poderia pagar por esse tipo de aconselhamento. Naquela época, eu estava controlando ao máximo o pouco dinheiro que tínhamos. Henry até me entregou seu cofrinho quando lhe pedi, para ela não ter como roubar dele, por mais insignificante que a quantia fosse. Mas Arlette foi, é claro, ao escritório da Companhia Farrington, em Deland, segura (como eu também estava) de que eles, que tinham tanto a lucrar, iriam bancar as despesas legais dela.

— E vão mesmo, e ela vai ganhar — disse eu a Henry.

Estávamos onde sempre aconteciam nossas conversas, sentados no feno. Eu ainda não tinha absoluta certeza, mas já tinha tomado minha decisão, que eu não chego a chamar de “plano”.

— Mas, pai, isso não é justo! — exclamou ele. Ali, sentado no feno, Henry parecia mais jovem, como se tivesse 10 em vez de 14 anos.

— A vida nunca é justa. Às vezes, a única coisa a se fazer é tomar o que é nosso. Mesmo que alguém se machuque. — Fiz uma pausa, avaliando a reação dele. — Mesmo que alguém morra.

Ele ficou lívido.

— Pai!

— Se ela desaparecesse, tudo voltaria a ser como antes. Todas as discussões acabariam. Poderíamos morar aqui tranquilamente. Ofereci a Arlette tudo o que estava ao meu alcance para que fosse embora, mas

não deu certo. Agora só tem uma coisa que eu posso fazer. Que *nós* podemos fazer.

— Mas eu amo a minha mãe!

— Eu também — falei.

O que, por mais que seja difícil de acreditar, era verdade. O ódio que eu sentia por ela naquele ano de 1922 era maior do que o que um homem pode sentir por uma mulher a menos que haja amor envolvido. E, embora fosse voluntariosa e amarga, Arlette era uma mulher calorosa. Nunca deixamos de consumar nossas “relações conjugais”, embora, desde que as discussões sobre os 100 acres tinharam começado, nossos atos no escuro houvessem se tornado cada vez mais como os de animais no cio.

— Não tem que doer — falei. — E quando acabar... bem...

Saímos pelos fundos do celeiro, e eu lhe mostrei o poço. Henry irrompeu em lágrimas sofridas.

— Não, pai. Isso não. De jeito nenhum.

Mas quando ela voltou de Deland (Harlan Cotterie, nosso vizinho mais próximo, a trouxe a maior parte do caminho em seu Ford, deixando-a a apenas 3 quilômetros de casa) e Henry lhe implorou para “desistir daquela ideia, para sermos uma família de novo”, Arlette perdeu a calma, deu um tapa no filho e mandou que ele parasse de implorar como um cão.

— Seu pai contaminou você com a timidez dele. Pior, contaminou você com avareza.

Como se ela não cometesse *esse* pecado!

— O advogado me garantiu que as terras são minhas para eu fazer o que bem entender com elas, e vou vendê-las. Vocês dois podem ficar aqui juntos, sentindo o cheiro de porco assado, cozinhando as próprias refeições e arrumando suas camas. Você, meu filho, pode arar a terra o dia todo e ler os livros intermináveis *dele* a noite inteira. Livros que não ajudaram seu pai em nada, mas quem sabe você não se sai melhor do que ele?

— Mãe, isso não é justo!

Ela olhou para o filho como uma mulher olha para um estranho que se atreveu a tocar seu braço. E como meu coração se alegrou quando o vi retribuir aquele olhar frio.

— Vocês dois podem ir para o inferno. Quanto a mim, vou para Omaha abrir uma loja de roupas. Essa é a *minha* ideia de justiça.

Essa conversa aconteceu no quintal entre a casa e o celeiro, e a ideia dela de justiça encerrou a discussão. Arlette passou pelo quintal, os delicados sapatos de cidade levantando poeira atrás dela, entrou na casa e bateu a porta. Henry se virou e olhou para mim. Havia sangue no canto da sua boca, e o lábio inferior estava ficando inchado. A raiva nos olhos dele era daquele tipo nua e crua que só os adolescentes são capazes de sentir. É uma raiva que não pesa as consequências. Ele assentiu. Eu assenti de volta, com o mesmo ar sério, mas por dentro o Homem Conivente sorria.

Com aquele tapa, ela havia assinado sua sentença de morte.

Dois dias depois, quando Henry me procurou no milharal, vi que ele tivera uma recaída. Não fiquei desanimado ou surpreso. Os anos entre a infância e a idade adulta são tempestuosos, e a cabeça de quem passa por eles parece girar como os cata-ventos em forma de galo que alguns fazendeiros do Meio-Oeste colocavam no alto de seus silos de grãos.

— Não podemos — disse ele. — Pai, ela está vivendo em pecado. E Shannon diz que aqueles que morrem em pecado vão para o inferno.

Maldita seja a igreja Metodista e a Juventude Metodista, pensei... mas o Homem Conivente apenas sorriu. Durante os dez minutos seguintes, conversamos sobre teologia no milharal verde enquanto as nuvens do começo do verão — as melhores nuvens, aquelas que flutuam como escunas — singravam lentamente acima de nós, deixando rastros de sombras na terra. Expliquei a ele que não mandaríamos Arlette para o inferno, muito pelo contrário: nós a mandaríamos para o paraíso.

— Uma pessoa assassinada não morre no tempo de Deus, mas no tempo dos homens. Ele... ou ela... terá sua vida interrompida antes que ele... ou ela... possa expiar seus pecados, e então todos os seus erros devem ser perdoados. Se pensar assim, todo assassino é um Portão do Paraíso.

— Mas e a gente, pai? Não vai para o inferno?

Mostrei a ele, então, os campos à nossa frente, esplendorosos com todos aqueles milhos florescendo.

— Como você pode dizer isso, quando temos todo esse paraíso à nossa volta? E, ainda assim, ela quer nos tirar daqui como o anjo que expulsou Adão e Eva do Éden com a espada flamejante.

Ele olhou para mim, aflito. Abatido. Detestei deixar meu filho naquele estado, ainda que parte de mim acreditasse então, e ainda acredite, que não fui eu que fiz isso com ele, mas ela.

— E pense — continuei —, se Arlette for para Omaha, vai cavar um buraco ainda mais fundo para ela no Sheol. Se você for junto, vai se tornar um garoto da cidade...

— Nunca!

Ele gritou tão alto que os corvos saíram voando da cerca e rodopiaram para longe no céu azul, como pedaços de papel queimado.

— Você é jovem e vai, sim — continuei. — Vai se esquecer de tudo isso... vai aprender os costumes da cidade... e começar a cavar o próprio buraco.

Se ele tivesse rebatido dizendo que os assassinos não tinham esperança de se juntar às suas vítimas no paraíso, eu poderia ter me atrapalhado. Mas a teologia dele não ia tão longe, ou ele não queria pensar nessas coisas. E será que o inferno existe mesmo? Ou fazemos o nosso próprio inferno aqui na Terra? Quando penso nos últimos oito anos da minha vida, acredito que seja o segundo caso.

— Como? — perguntou ele. — E quando?

Eu lhe contei.

— E podemos continuar morando aqui depois?

Falei que sim.

— E ela não vai sofrer?

— Não — respondi. — Vai ser rápido.

Ele pareceu satisfeito. E ainda assim poderia não ter acontecido, se não fosse pela própria Arlette.

Decidimos que aconteceria em uma noite de sábado, em meados de um junho tão bom quanto qualquer outro de que me lembre. Arlette tomava uma taça de vinho nas noites de verão, embora raramente bebesse mais de uma. E tinha uma boa razão para isso. Ela era uma dessas pessoas que nunca podem tomar duas taças sem tomar quatro, então seis, e depois a garrafa inteira. E outra garrafa, se houver mais.

— Preciso ter cuidado, Wilf. Gosto muito de vinho. Sorte minha que tenho uma grande força de vontade.

Naquela noite, nós nos sentamos na varanda, observando a madrugada se estender pelos campos, enquanto ouvíamos o sonolento *cri-cri-cri* dos grilos. Henry estava no quarto dele. Mal tinha tocado no jantar, e, enquanto Arlette e eu estávamos ali, sentados em nossas cadeiras de balanço idênticas, os estofados bordados com as palavras *mãe* e *pai*, pensei ter ouvido um som baixo que poderia ser alguém vomitando. Eu me lembro de ter pensado que, quando o momento chegasse, ele não conseguiria fazer o que tínhamos combinado. No dia seguinte, a mãe dele acordaria mal-humorada e de “ressaca”, sem ter a mínima ideia de quão perto havia chegado de não ver outro amanhecer no Nebrasca. Ainda assim, segui com o plano. Talvez porque eu fosse como uma daquelas bonecas russas. Quem sabe. Pode ser que todo homem seja assim. Dentro de mim havia o Homem Conivente, mas dentro do Homem Conivente habitava o Homem Esperançoso. Este morreu em algum momento entre 1922 e 1930. O Homem Conivente, após fazer seu estrago, desapareceu. Sem seus esquemas e ambições, a vida tem sido vazia.

Levei a garrafa para a varanda comigo, mas, quando tentei encher a taça vazia de Arlette, ela a cobriu com a mão.

— Você não precisa me deixar bêbada para conseguir o que quer. Eu também quero. Estou ardendo.

Ela abriu as pernas e colocou a mão na virilha para mostrar onde estava ardendo. Havia uma Mulher Vulgar dentro dela — talvez até uma Prostituta —, e o vinho sempre a libertava.

— Tome outra taça assim mesmo — falei para ela. — Estamos comemorando.

Ela olhou para mim, desconfiada. Uma única taça de vinho já a fazia lacrimejar (como se parte dela estivesse chorando por todo o vinho que queria tomar e não podia), e, sob a luz do pôr do sol, seus olhos pareciam laranja como os olhos de uma lanterna de Halloween feita de abóbora com uma vela dentro.

— Não haverá nenhum processo, nem divórcio — anunciei. — Se a Companhia Farrington puder pagar pelos meus 80 acres, além dos 100 do seu pai, nossa discussão acabou.

Pela primeira vez em todo o nosso casamento conturbado, ela realmente ficou *boquiaberta*.

— O que você está dizendo? É mesmo o que estou pensando? Não tente me enrolar, Wilf!

— Não estou tentando — disse o Homem Conivente. Ele falava com entusiasmada sinceridade. — Henry e eu conversamos muito sobre isso...

— Vocês têm andado mesmo como unha e carne, é verdade... — Ela havia tirado a mão da taça, e eu aproveitei a oportunidade para enchê-la. — Sempre junto ao feno no celeiro, ou sentados na pilha de lenha, ou aos sussurros no campo de trás. Pensei que estivessem falando sobre Shannon Cotterie.

Ela então bufou e meneou a cabeça, embora eu tenha achado que também parecia um pouco melancólica. Tomou um gole da segunda taça. Dois goles e ela ainda podia parar por ali e ir para cama. Após o quarto, seria mais fácil lhe entregar a garrafa de uma vez. Sem falar nas outras duas que eu tinha de reserva.

— Não — rebati. — Não temos falado sobre Shannon. — Embora eu *tivesse mesmo* visto Henry segurando a mão dela certa vez enquanto os dois caminhavam os 3 quilômetros até a escola de Hemingford Home. — Temos conversado sobre Omaha. Acho que ele quer ir para lá. — Não seria prudente arriscar demais, não após uma única taça de vinho e dois goles de outra. Ela era uma mulher desconfiada por natureza, minha Arlette, sempre à procura de segundas intenções. E, é claro, nesse caso eu tinha mesmo uma. — Pelo menos para ver no que dá. E Omaha não fica tão longe assim de Hemingford...

— Não. Não fica. Como falei milhares de vezes.

Ela bebeu o vinho, mas, em vez de abaixar a taça como tinha feito antes, continuou a segurá-la. A luz laranja no horizonte se intensificava, dando lugar a um verde-arroxeado sobrenatural que parecia se inflamar na taça.

— Se fosse St. Louis, seria diferente.

— Desisti dessa ideia — disse ela.

O que, é claro, queria dizer que ela havia investigado essa possibilidade e a descartado por achá-la problemática. Pelas minhas costas, naturalmente. Tudo pelas minhas costas, exceto o advogado da empre-